

A Senhora das Águas na Amazônia

Lucy Coelho Penna, Ph.D. *

(Revista Junguiana - Publicação da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Nº 18:2000, pág. 18 – 29.)

Sinopse

O artigo propõe uma interpretação junguiana da cerâmica dos indígenas construtores de aterros na ilha de Marajó, Brasil. Os símbolos arquetípicos gravados na milenar arte do povo marajoara permite supor que algum tipo de ritual em honra a uma grande deusa teve lugar na boca do rio Amazonas, antes da colonização européia. Uma misteriosa estatueta feminina de 30 centímetros parece ter tido um papel central nos rituais. O corpo em formato de peixe está coberto por espirais vermelhas, pretas e brancas, indicando o processo regenerador as águas. Um duplo portal circunda a vulva, que abre para uma dimensão desconhecida no interior da deusa, talvez uma passagem para a vida após a morte, comparando com outros símbolos. Vasos feitos como seios encontrados nos mesmos sítios arqueológicos mostram mandalas de brotos, folhas e caracóis. Sua presença indica que o culto à deusa incluía beber o "leite" da vida, uma mistura de plantas alucinógenas. O culto a essa "Senhora das Águas" deve ter amenizado a dificuldade psicológica de sobreviver nos trópicos. A subida e descida das marés, as enchentes sazonais e os animais aquáticos, tais como sapos, rãs, serpentes e peixes, algumas aves, tartarugas e jacarés, foram parte do domínio dessa deusa. Hoje, a devoção à Virgem de Nazaré surge como uma moderna manifestação cristã do mesmo arquétipo que mobilizava a psique dos indígenas. Essa milenar crença na região amazônica parece creditar o destino humano ao útero do maior manancial de águas doces do planeta à Senhora as Águas.

Palavras-Chave: Grande-Mãe, mitos amazônicos, símbolos indígenas do Brasil, imagens arquetípicas brasileiras.

Deitada junto a enormes urnas funerárias nos aterros, uma pequena estatueta feminina atraiu a atenção dos exploradores. Sua presença singular, ao mesmo tempo ativa e receptiva, não dá margem à dúvidas: é uma entidade mitológica importante. Deve ter tido um papel essencial na cultura do povo marajoara, que habitou a ilha do Marajó, na boca do rio Amazonas, antes da colonização européia no Brasil.

Essa grande nação indígena viveu nas ilhas do arquipélago de Marajó desde cerca de 400 a.C. até 1300 d.C. Foi ela a construtora das centenas de

aterros nas planícies alagáveis, transformando a paisagem da parte oriental da maior ilha flúvio-marítima do planeta. Sem instrumentos de ferro, sem roda, apenas com a força física e a vontade determinada, muitas gerações marajoara conviveram com outras tribos da região amazônica por quase mil anos.

Chefiando uma equipe do Museu Americano de História Natural de Nova York, a arqueóloga Anna Roosevelt terminou em 1990 uma pesquisa de nove anos sobre os aterros - ou tesos - do Marajó. As datações da cerâmica do Teso dos Bichos permite concluir que a sociedade que o construiu desenvolveu uma agricultura de subsistência intensiva e manteve grandes populações, num raio de muitos quilômetros a partir do lago Arari. Ao longo dos rios que alimentam esse lago encontram-se numerosos aterros onde a cerâmica marajoara ainda aflora do chão pisoteado pelos búfalos e erodido pelas intensas chuvas do inverno.

Acredita-se que na região do rio Camutins, por exemplo, a população marajoara tenha chegado a mais de 10 mil habitantes, agrupados em cerca de 40 tesos. Comercializavam belíssimas peças de cerâmica produzida com o barro abundante, mas deixaram os potes, tangas, estatuetas, pratos e vasos mais finos para os seus rituais. A análise que a autora realizou, desde 1993, nas peças do acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi permite supor que a nação marajoara realizou com êxito celebrações sazonais de fertilidade, bem como ritos funerários.

A arte marajoara pré-histórica é um registro feito no barro dos símbolos e das fórmulas de poder usados durante os rituais. As tangas femininas e os falos de cerâmica finamente ornamentados são alusões ao drama da recriação do mundo através da dança. Os imensos pratos feitos à imagem da tartaruga jalapa despertam a curiosidade sobre a culinária xamânica desse povo. As serpentes enroscadas com duas cabeças distilam mistério escondido dos vasos.

Cada mulher e homem nobre da raça marajoara fazia um vôo após a morte nas asas da Coruja ancestral. Uma jornada nos espaços da noite, no fundo do aterro cemitério, agasalhados no bojo da urna Coruja. Acreditariam na volta dos mortos sob a forma de um outro ser? As urnas de um metro de altura estão cobertas com símbolos de transformação, são verdadeiros "livros dos mortos" em ideogramas. Os símbolos arquetípicos marcaram os momentos decisivos do ciclo da vida-morte-vida para esses indígenas que recriaram a paisagem numa espécie de geografia xamânica.

Formados pelas chuvas abundantes que começam em dezembro, vastos lagos superficiais recobrem feito lençóis a planície oriental da ilha de Marajó durante seis meses ao ano, em média. São os braços líquidos e piscosos da Senhora das Águas envolvendo a terra e seus filhos. Braços que

ofertam o banho fresco, suavizando as costas ardidas, os pés esfolados no mato seco. Até que as águas subam demais. Por volta de fevereiro ou março, chegam as inundações, engrossando os igarapés que rugem feito onça. As árvores altas viram refúgio para os bichos, tremem de frio os pássaros em seus ninhos. Os fazendeiros tangem suas criações para as terras altas porque todos desejam estar acima dos lençóis líquidos. Refugiam-se nos tesos, chamados "ilhas" pelo caboclo, geralmente os mesmos construídos há séculos pelo povo marajoara.

Senhora das Águas

Mãe da vida e da morte, seria esta uma deusa a garantir a continuidade da vida através do portal da morte? O estudo cuidadoso das imagens dos marajoara nos revela que houve uma forte divindade no seu panteão que se apresenta ora como coruja, serpente ou tartaruga, ora sob o aspecto de uma intrigante figura feminina: a Senhora das Águas.

O aspecto regenerador de seu útero impressiona. Embora ela não esteja grávida, tem a energia matricial das águas da vida. As espirais em vermelho, preto e branco mostram que ela própria parece ter nascido do redemoinho das águas. Uma Vênus indígena com poder e sedução, mãe dos peixes, das cobras e das rãs, com as características do seu ambiente. Seu *design* alongado não lembraria um peixe?

O olhar é atraído pela grande espiral que cobre o peito e o ventre, desde os mamilos até o sexo. Sua vagina é um portal guardado pelas espirais vermelhas e pretas, entre as coxas abertas. Seu corpo é abrigo e trajeto para as almas que adentram o desconhecido, após a morte.

Com a face levemente voltada para a esquerda, a deusa esboça uma expressão sutil, misto de convite e mistério. As espirais imprimem em seu corpo o dinamismo da energia desmaterializada.

Vulva e redemoinhos são comuns nas figuras das deusas do início do período Neolítico europeu, ocorrido entre 6500 e 5300 a.C., testemunha a etnoarqueóloga marija Gimbutas (1991). Um período no qual a humanidade concebeu a idéia da força regenerativa das águas, criando-se uma associação entre a fecundidade, as águas, a mulher. A arte da época expressou as imagens do processo de procriação dos seres humanos, animais e vegetais. Desponta e mantém-se constante o conceito de que a existência é cíclica e tem início nas águas.

Poderosa senhora da energia aquática, sedutoramente disponível, essa divindade amazônica realiza a emocionalidade intensa das marés das luas cheias. Quase se escuta o rugido da pororoca que inunda periodicamente a parte norte do arquipélago de Marajó. Seria irmã da fabulosa Iara, amante

mítica dos índios tupi? Possivelmente teve domínio sobre a pesca, assim como Iemanjá, ou "mãe dos peixes", em língua iorubá.

Os indígenas, filhos de uma natureza abundante, integrados com a fecundação de peixes e de homens, imaginaram relações entre as espécies. Mas, ainda hoje, os contos amazônicos referem-se a mitos de origem com avós aquáticos, em que é natural visitar o fundo dos lagos e rios, tecer amores com peixes e "peixas". A própria forma pisciana da Senhora das Águas não estaria ligada a uma crença na descendência de ancestrais aquáticos? Por outro lado, o seu insólito comparecimento em um cemitério desafia a visão cristã do campo-santo como um lugar triste, carente de vida.

O peixe é um símbolo bastante antigo do mistério da fecundação. "Parece que foi, inclusive, um símbolo da alma", aponta Jung (1976, par.112). Um animal que mostra uma face sublime, tendo sido objeto de culto religioso na Síria, na Fenícia, no Egito, embora motivo de projeções assustadoras, pelo menos algumas espécies. O papel que o peixe representa na tradição judaico-cristã teria começado justamente nessas antigas devoções.

O simbolismo aquático

O significado da Senhora das Águas na psique coletiva origina-se no estado de espírito dos nativos perante o elemento água, um fato predominante no meio do qual dependiam. No ambiente da ilha de Marajó os meses são marcados pelas chuvas ou pela ausência delas, caracterizando o inverno e o verão tropical. A elevação das casas indígenas sobre os aterros propiciou um relativo domínio sobre as imposições climáticas. Foi a chave do sucesso da cultura marajoara, mais duradoura do que todas as que a antecederam.

Teriam os xamãs ouvido a voz dos ancestrais, construindo os aterros para louvar o ventre grávido da Grande Mãe? Se interpretarmos os aterros como uma hierofania da deusa, entenderemos que criaram uma geografia sagrada de forte sugestão psicológica. Além de protegê-los das enchentes com sua esteira de mosquitos, serpentes e lamacenta podridão, os tesos acolheram a raça marajoara como divina providência, onde o fogo dos fogões não se apagava, permitindo escutar as estrelas, predizer os ventos. A vida no colo altaneiro da deusa manteve saudáveis os filhos e as filhas das águas e do sol por quase mil anos.

As águas são uma fonte inesgotável de sensações, fantasias e sonhos. Estão associadas às emoções que, esquentando o corpo, intensificam os ritmos internos em ondas de intensidade variada, tanto na troca sexual quanto na briga de rivais. As marés sobem e descem, obedecendo aos ciclos lunares. Diz-se que a água é feminina. Ela flui e feflui, afirma e nega,

condição pela qual mulheres e marés, assemelhadas, compartilham igual desconfiança masculina.

A água doce é mãe de mitologias, imagens de repouso e devaneio, interpreta Gaston Bachelard (1985). Enquanto o mar sensibiliza a pele com a aspereza do sal, arde nos olhos, queima como o sol, a água dos rios é suave. Permite um privilégio de banho, desejada, ansiada pelos caminhantes longe de casa. Nisso, também, a fonte, o riacho, qualquer manancial de água doce se aproxima do simbolismo feminino idealizado, porque acolhe, nutre, regenera um sofrimento.

Hoje, quando inúmeros países já são obrigados a importar água, as organizações internacionais voltam os olhos para a região mais rica nesse recurso: a Amazônia. Que melhor maneira de proteger os mananciais do que considerá-los uma divina presença da mãe da abundância?

As línguas arcaicas, como a dos indígenas, fundamentam-se em uma percepção unitária do mundo, o qual se revela como um todo orgânico em cada expressão. Por exemplo, na língua suméria, uma mesma palavra significava água, concepção, geração e esperma, esclarece o historiador das religiões Mircea Eliade (1993). O mais velho hieróglifo egípcio para água corrente é uma linha em zigue-zague, também encontrado em numerosos vasos neolíticos europeus, fase do início das culturas agrárias. Símbolos semelhantes são comuns na arte cerâmica marajoara.

As espirais que envolvem a figura da Senhora das Águas provavelmente indicam um tipo de "escrita", para significar a fecundidade das águas em relação com os ciclos lunares. A espiral e o caracol representam a lua, considera Eliade:

A mulher, a água, bem como o peixe, pertencem ao mesmo conjunto simbólico da fecundidade, que é percebido em todos os planos cósmicos. O circuito antropocósmico da fecundidade compõe-se do conjunto Água-Lua-Lulher, desde a pré-história. (Eliade, 1993, p. 155)

O duplo portal na base do corpo pintado de vermelho reforça o significado da energia vital na sexualidade feminina, segundo a visão dos antropólogos. Reichel-Dolmatoff (1971) anotou que os desana da Colômbia amazônica concebem a terra como feminina e vermelha. Quando Maria Heloísa Fenelon Costa (1988) aplicou o teste de Rorschach nos meinácu, do rio Xingu, escutou o mito que conta sobre como dos órgãos genitais de uma mulher morta pelo Morcego é tirada uma tinta vermelha que ornamenta hoje o corpo de certos peixes e aves.

É provável que o corpo da divindade tivesse recebido uma pintura de argila branca (engobe) sob o preto e o vermelho. O branco no fundo

significaria o domínio sobre as forças que operam no processo de renascimento, pois recorda os ossos descarnados. Para os meinácu, o branco é uma pintura protetora, simbólica dos eventos fúnebres, assim como o preto. (Costa, 1988) As cores escuras são do oeste, domínio dos povos da noite, de onde vêm as doenças e a morte, limite entre a superfície e o mundo subterrâneo, no entendimento dos desana. (Reichel-Dolmatoff, 1971)

Intimidade

O culto das águas na região do rio Amazonas é um fato histórico e também um importante fenômeno psicológico coletivo, porque tem uma continuidade impressionante. As águas precedem e suportam qualquer construção em terra, em numerosos mitos. As pessoas dos grupos tucanos, por exemplo, se dizem *waí mashá*, ou seja, "peixe-gente". Descendem de uma avó ancestral que se criou a si mesma de seis coisas invisíveis, depois separou a luz das trevas, fez os trovões, o sol e os heróis civilizadores que criaram a humanidade. Dois dos heróis culturais tem nome de peixe: o tucano *Doé tiró* e o desana *Boléka*, que significam respectivamente "traíra e uaracu". (Kumu, Kreníri & Reibeiro, 1980)

Os suruí narraram para Betty Midlin, em 1990, o conto do namoro das mulheres com um "peixe". Em Santarém, bem como em Marajó, presenciei o susto com o boto que vira rapaz sedutor, nas noites de lua bem cheia. O mito do amante das águas doces ainda está vivo na Amazônia. Ele é o Boto, um homem-peixe que busca uma parceira para fazer amor nas praias enluaradas dos rios. Não seria um sinal de que o imaginário das caboclas está prenhe de divindades telúricas ancestrais?

Os peixes ancestrais têm proporções gigantescas - são bem maiores do que os peixes atuais da mesma espécie - e marcaram o território mítico de diversas tribos. Quando se pergunta a um velho meinácu onde moram os *papanê* (sobrenaturais), ele responde: no fundo da água. (Costa, 1988) Poderíamos interpretar a água como local indefinido, metáfora para o inconsciente. No entanto, quando se convive com a força dos rios e das chuvas na Amazônia, é bom também levar em conta o fato real de que as águas profundas escondem seres muito arcaicos e maiores do que as espécies ribeirinhas.

Tanto o indígena quanto o caboclo amazônico atribuem facilmente poderes sobrenaturais aos animais aquáticos. O amuleto mais famoso da região, saído das mãos das mulheres icamiabas - as guerreiras -, é uma rã feita de jadeíta. As icamiabas retiravam o muiraquitã do fundo dos lagos sagrados, onde a mãe da lua permitia que elas renovassem o vínculo erótico da raça. Davam o muiraquitã para o amante, uma proteção importante. Dizia-

se que elas lutavam como guerreiro e nunca se submetiam, matando os homens que ousassem se aproximar.

Os caboclos ainda temem a Cobra Grande, que, segundo a lenda, mora embaixo de algumas vilas e cidades. Em Óbidos, Pará, acredita-se que, se ela sair do seu nicho que fica embaixo da catedral, provocará a queda da cidade inteira dentro do rio.

Deusa-peixe

A Senhora das Águas não está grávida, nem com grandes seios e quadris. O corpo longo, os braços curtos e as pernas dobradas sugerem o movimento sinuoso dos répteis e dos peixes. A sua presença no cemitério subterrâneo poderia assegurar a penetração do morto no profundo mundo das sombras. Da mesma maneira que um peixe mergulha e some de vista, o corpo do morto desaparece dentro da terra.

Teriam os braços sido reduzidos intencionalmente para aludir às barbatanas laterais do peixe? Que melhor lembrança à penetração nos subterrâneos do que a imagem de um pênis com dois testículos, obtida ao virar a deusa de lado?

A base da pequena estatueta tem a forma da lua crescente, completando uma combinação de alusões sexuais masculina e feminina na deusa. Ela talvez tenha sido criada à semelhança do bagre a que hoje chamam piraíba, a temida "mãe do rio", em Marajó. O maior bagre da Amazônia (*Brachyplatystoma filamentosum*, Fam. *Pimelodidae*) possui órgãos sensíveis que o habilitam a explorar o ambiente, mesmo na escuridão. O espécime adulto atinge de 2,5 a 3 metros de comprimento, pesando, eventualmente, 200 quilos. Vive em águas profundas e sai à superfície à boca da noite. Só a fêmea parece ser chamada *pira-íba*: "peixe-má", em tupi. É mais agressiva do que o macho e ataca qualquer coisa que se mexe próximo à margem. As caboclas não deixam crianças, galinhas ou patos perto da água depois que escurece, com medo da piraíba.

Levar o morto para dentro das águas, devorando-o como faz a fêmea do bagre com os pequenos seres vivos, seria uma função dessa divindade? Que melhor local para começar um novo ciclo de transformação do que o limo do fundo dos imensos mananciais?

A ambigüidade da forma dessa deusa, feminina e fálica, alude mais do que explica. Ela expressa um jogo emocional que instiga, seduz a imaginação, mas não define claramente. Bem ao gosto dos marajoara, que deixaram uma arte imaginativa, jamais realista, possivelmente criada a partir do mundo onírico e das visões xamânicas. A Senhora das Águas é um daqueles casos que, no dizer de Elide (1993), não há necessidade de determinar o sexo. As divindades telúricas e procriadoras universais são bissexuadas.

Leite das visões xamânicas

Tais vasos possivelmente estiveram presentes nos rituais de propiciação aos poderes vitalizadores da deusa. Associando sementes, duplas espirais, brotos com a generosidade redonda dos seios, as artesãs conceberam-no como uma mandala.

A concepção artística desse vaso fez de cada seio um campo convexo onde os brotos vicejam. A mesma linguagem foi usada no círculo central de onde nascem quatro ramos duplos. As pequenas formas ovais são sementes riscadas, talvez especificando um tipo de planta usado para fazer a bebida sagrada. Os ramos duplos mostram tênues hastes, como um vegetal em germinação. Os símbolos do centro e do círculo maior são análogos. É uma festa ao redor das sementes e das espirais, abrindo-se em direções opostas. Dinamização da força vital nos homens, mulheres e no solo, talvez fosse o objetivo da comemoração para a qual esse vaso foi modelado.

O trabalho realizado em excisões sobre engobe vermelho é solene. Há uma irradiação da força da vida que inspira admiração, generosidade. Suponhamos que esse vaso tenha servido para guardar um líquido sagrado, uma bebida cerimonial, que era passada em outras vasilhas menores para ser consumida. Ela seria o leite sagrado, misterioso dom da deusa distribuído aos iniciados, bebida preparada com arte, digna das festas sagradas, indutora de estados alterados de consciência. Era um presente da mãe da vida, pois todos os sinais de renovação da força da natureza nele estão gravados. Típico de um povo que dependia, pelo menos parcialmente, da coleta de frutos e raízes, bem como das plantas que começavam a domesticar.

O vaso que analisaremos a seguir guarda sinais de uso na borda. É menor que o primeiro e, possivelmente, foi um dos que passaram de boca em boca nas festividades que celebraram as iniciações marajoara.

Seu formato geral se assemelha ao de uma semente. Um dos seios está aberto na parte superior, onde se nota, claramente, a erosão das gravuras pelo uso da borda externa. Também o mamilo desse lado está aplainado, como se muitas mãos o tivessem tocado. Do lado contrário, exhibe um intrincado padrão de sinais, semelhante a uma rede muito fina. A ceramista destacou o mamilo realisticamente, o que é incomum na arte marajoara - um gesto criador compreensível quando lembramos que a arte cerâmica nasceu com as mulheres. (Lévi-strauss, 1985)

As oleiras ressignificaram as divindades à imagem do seu próprio corpo. Caboclas longínquas de Marajó testemunham que a tradição das suas avós indígenas ritualizavam o momento de retirar o seu material do barreiro com tabus sexuais; escolhiam vãos silenciosos das aldeias para modelar,

rejeitando a presença masculina durante todo o processo de criação, enquanto persistia uma sintonia quase mágica com as energias do arquétipo. (Penna, 2000)

Nem sempre "leite" alucinógeno como ainda ervas, raízes, comida especiais da deidade teriam sido cozidos nas panelas, estocados nesses vasos. O ato de colher as plantas, prepará-las e cozê-las, o momento de tomá-las, tudo é parte do encontro sagrado dos filhos com sua mãe.

A metáfora da deusa como vaso nutritivo é tão antiga quanto a arte da cerâmica. Recua no tempo através das várias fases do Neolítico, das eras do cobre e do bronze. Todas essas concepções serviram, psicologicamente, para ensinar que a natureza pode ser experienciada como se fosse uma generosa mãe que doa o sumo gerado dentro de si mesma. Uma deusa que os indígenas marajoara conheceram, retratando-a com rara sensibilidade.

Séculos depois, outra devoção à Senhora das Águas reapareceu na cidade de Belém, defronte à ilha de Marajó. Espalhou-se pela Amazônia cristianizada, que nunca tinha perdido o sentimento de filiação com uma magnífica divindade, rainha das águas.

Nossa Senhora de Nazaré

Quem encontrou a imagem, vamos dizer, mais moderna da Senhora das Águas foi Plácido de Souza, em outubro de 1700. Filho de português com índia, Plácido era caçador. Morava num casebre perto da saída da cidadezinha que era Belém do Grão-Pará naqueles tempos. Cansado da jornada, quis refrescar-se e desceu até o igarapé. Muitos viajantes andavam pelas bandas do igarapé Murucutu, na estrada que ia para o Maranhão. Há uns bons mil e tantos quilômetros dali, é bom que se diga. Passava da hora mas quente. O calor já ia amaciando quando Plácido molhou os pés na água fresquinha. Curioso, mexeu na lama que escondia uma ponta de cor: era uma pequena imagem enroscada nas pedras lodosas. Pegou a santinha de madeira, lavou-a bem antes de carregá-la para casa. Mostrou a todos, improvisaram um altar, terço, ladainha. Dia seguinte, mistério! A santinha não estava mais lá.

Começara a série de fugas dessa imagem romeira. Foram tantas e tão inexplicáveis que o caso ganhou a praça pública. Quando o bispo e o governador deixaram os caboclos fazerem uma choupana ali mesmo nas pedras, à beira do Murucutu, a santinha nômade sossegou. Era onde ela tinha escolhido ficar. Entronizou-se por si mesma, pronto.

Com apenas 28 centímetros de altura, a santa sujinha ficou morena mesmo. Não conseguiram branqueá-la para ficar mais parecida com a sua correspondente lusa - porque assim que a viram, os jesuítas da cidade de Vigia, a uns 130 quilômetros de Belém, identificaram-na com a Nossa

Senhora de Nazaré. Padroeira de Vigia, por afinidade com a santa portuguesa que tantos milagres já havia promovido em terras européias, conhecida de reis e bispos que até à África a levaram em busca de glórias. E por força dessa mãe peregrina e caminhante ganharam-se batalhas. (Penna, 1996)

Cada vez mais conhecida pelos milagres que operava no povo, nos padres, curando governantes, comovendo os bispos, a Nossa Senhora de Nazaré conquistou marco histórico. Vestiu-se com manto de linho bordado em fios de ouro. Ganhou uma bonita basílica inaugurada em 30 de outubro de 1941. Uma imagem-réplica é anualmente retirada do seu nicho na basílica, no segundo domingo de outubro. Percorrendo as ruas das partes velha e nova de Belém, sob o fogo e rezas de uma multidão, renova o seu caráter de peregrina. É o Círio de Nazaré. Não há quem fique frio ao sentir a inacreditável caminhada de milhão e meio de pessoas enchendo a cidade. No centro da turba, carregada em uma berlinda de flores brancas e amarelas, uma Senhora linda. Uma coisinha de menos de 30 centímetros com o poder de atrair tantos. Pesada, langorosa, a procissão arrasta sob o calor tropical do meio dia feito imensa jibóia colorida.

Há alguns anos introduziu-se uma procissão fluvial nos festejos da santa. É um momento especialmente forte na psicologia cabocla. Ela vem adiante de um cortejo infirndável de barcos, montarias, navios, lanchas, canoas... Uma amostra viva da força da Senhora das Águas.

Talvez essa hierofania cristã limite o alcance do valor sagrado da deusa como "água da vida". Por outro lado, ela abre um modelo de compaixão e de suavidade materna que a hierofania pré-histórica não possuía. A Virgem de Nazaré protege dos afogamentos e das enchentes porque é a Estrela do Mar, *Stella Maris*, com poderes acima dos elementos. Ela os domina porque está separada da ordem natural, sobrepondo-se de fora. A Vênus indígena vem de um estrato da mente coletiva que compartilha a unicidade com os elementos naturais. Os homens e mulheres que a cultuavam não tinham perdido a noção do sagrado na matéria, conviviam com o numinoso no seu cotidiano.

Será que a psique coletiva dos amazônidas vai selecionar os melhores atributos da Senhora das Águas, sintetizando-os em uma figura gloriosa, a luz desse pedaço de mundo?

A conexão das águas com a transformação da vida, o erotismo, a iniciação nos mistérios do inconsciente, onde serpentes e peixes encantados habitam, para o bem ou mal dos seres humanos, é inextinguível. São imagens antiquíssimas presentes nos mitos de renascimento, bem como nas tradições xamânicas. Aludem a experiências humanas que foram reprimidas na religião cristã, resultando em empobrecimento do manancial criativo da psique.

A manifestação da Senhora das Águas como Virgem de Nazaré, por exemplo, tem características simbólicas típicas da mentalidade citadina européia, enquanto sua predecessora, a Vênus marajoara, reflete o inconsciente coletivo em comunhão com o entorno. Nesse nível, os cursos de água são "vivos", ligados com os redemoinhos de energia do próprio corpo humano. Sua manifestação nativa soma traços humanos e forças naturais. A calma do igarapé refrescante e o rugido tenebroso da pororoca.

A Senhora de Nazaré protege das terríveis tempestades tropicais porque possui um poder celestial. Essa é uma conceituação tipicamente européia, que no século XVI percebia o homem de um ponto superior às demais criaturas. Separado e acima, esse dono do mundo pode explorar os recursos naturais, esgotá-los a seu bel-prazer, bem como escravizar outros homens que forem considerados abaixo de sua categoria, dentro da hierarquia convencional da época.

A Senhora das Águas de Marajó protege porque ela é uma com a matéria. Ela é a própria matéria, a lama de onde nascemos e para onde vamos compor de novo o corpo da Terra.

A hierofania da deusa das águas matriciais que o povo marajoara concebeu tem um sentido mais amplo do que o cristão como imagem arquetípica, pois incorpora o valor sagrado das águas como local de transformação da vida. Ela demonstra a identificação com os seres aquáticos, com a lua. O ritmo pungente da procriação em bichos e seres humanos, bem como o processo de transformação dos corpos após a morte. Os que a conceberam não aparentam colocar-se como os "reis da criação". Estão mais perto do papel de consortes da deusa em sua tarefa de manter a vida nos ritmos perenes de sucessão vida-morte-vida.

A divindade encontrada nos aterros confirma, em sua intrigante expressão, que o arquétipo da deusa da vida e da morte inspirava nas pessoas uma variedade de sentimentos e idéias que nós, cultivados nos padrões atuais, só podemos de longe arranhar. Não fosse perdida essa união com as águas, teríamos na consciência os atributos da padroeira do Brasil.

A Nossa Senhora que apareceu no rio Paraíba no século XVII é preta e veio mutilada. Tinha a força da mãe da fartura, senhora dos peixes. A milagrosa protetora dos pobres, no entanto, viu-se despida do valor da cor preta, que recorda o húmus da terra, o útero onde gera a criação. Explicação cristã reduz seu corpo enegrecido a mera coincidência, efeito do limo do rio, talvez para que os escravos não a reclamassem como sua verdadeira e gloriosa mãe. Uma racionalidade unilateral esquece o significado dos acidentes que atingiram a imagem da santa, desde seu descobrimento até nossos dias. A deusa, reiteradamente, mostra o caminho

da regeneração e a importância do contato com as águas matriciais, ainda mal compreendidos.

Enquanto a alma brasileira não resgatar a consciência desse arquétipo, cabeça e corpo disjuntados refletem uma psique coletiva fragmentada, onde sombras fantasiosas mascaram as saídas que levam à abundância.

Abstract

A Junguian interpretation of the mound-builders pottery in Marajo Island, Brazil, is proposed. Archaetypical symbols engraved in the one thousand old art of the Marajoara people support the assumption that some sort of rituals honoring a great goddess took place in the mouth of Amazon River, prior to the European colonization. An intriguing 30 centimeters female figurine seems to have played a central role in such rituals. The fish like body of the goddess is covered by red, black and white spirals suggesting the regenerative process of the waters. The double gateway around the vulva opens to undiscovered realms, somehow associated to life after death, according to others symbols correlated. Breast shaped vases found in the same archaeological sites show mandalas of sprouts, leaves and scrolls. Its presence suggest the cult of the goddess included drinking of her life nurturing "milk" made of hallucinogenic plants. The cult of this "Lady of the Waters" might have lessen the psychological difficulty of living in the tropics. The up and down of tides, seasonal floods and aquatic animals, such as frogs, toads, snakes, fishes, some birds, turtles and alligators, were part of this goddess domain. Today's devotion to the Virgin of Nazaré appeared to be another modern Christian manifestation of the same archetype that mobilized native people. Such millenary faith in the Amazon region seems to credit to the Goddess of Waters the human destiny within the uterus of planet major fresh water manancial.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston (1985). *L'eau et les rêves*. Paris: Lib. José Corti.

COSTA, Maria Heloísa Fenelon (1988). *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

ELIADE, Mircea (1993). *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins

Fontes

GIMBUTAS, Marija (1991). *The civilization of the goddess - The world of old*

Europe. San Francisco: Harper & Collins.

JUNG, C. G. (1976). A ambivalência do símbolo de peixes. In: *Aion. Estudos*

- sobre o simbolismo do si-mesmo. CW 9, II. Petrópolis; Vozes.*
- KUMU, Umúsin, P., KRENÍRI Tolamãñ & RIBEIRO, Berta (1980). *Antes o mundo não existia*. São Paulo: Cultura.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1985). *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense.
- PENNA, Lucy (1996). *Divindades femininas do Brasil*. Hermes, São Paulo, 1: 66-93.
- _ (2000). O povo marajoara na Terra dos Lençóis Enluarados, P'auachy p'una. (no prelo)
- REICHEL-DOLMATOFF, G. (1971). *Amazonian cosmos: the sexual and religious symbols of the Tukano indians*. Chicago: University of Chicago Press.
- ROOSEVELT, Anna C. (1991). *Moundbuilders of the Amazon. Geophysical archaeology in Marajo Island, Brazil*. San Diego: Academic Press.

***Lucy Coelho Penna** - Psicóloga e psicoterapeuta, doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Pós doutorada pela Universidade de Toronto, Canadá. Ex-professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Católica de Goiás (convidada) e da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de Pós graduação e especialização em psicoterapia junguiana. Escritora, pesquisadora, estuda os mitos e os símbolos da alma brasileira, e a consciência feminina. Escreveu diversos artigos em revistas especializadas, além de três livros: "**Corpo Sofrido e Mal Amado**" e "**Dance e Recrie o Mundo** " (Summus Ed.). "**Saúde e Qualidade de Vida**" (co-autoria, Editora Peirópolis). No prelo, *Pauaxipuna* , sobre a espiritualidade indígena da Amazônia, combina o estudo dos símbolos arquetípicos com a mitologia evidenciando a presença pré histórica de um culto a divindades femininas.

Para outras consultas, favor acessar <http://geocities.yahoo.com.br/lucypenna>